

ARTE E CULTURA POP NO PROCESSO DE EMPODERAMENTO DA JUVENTUDE NEGRA NO AMBIENTE ESCOLAR

Daniela Beny Polito Moraes ¹

RESUMO

Tomando como ponto de partida minha experiência em sala de aula desde o ensino fundamental I até o nível superior, o presente artigo visa compartilhar minha experiência como docente afroreligiosa que busca o empoderamento da juventude negra – sobretudo a juventude negra de terreiro – utilizando elementos da cultura alagoana, da cultura pop e das artes para estimular o reconhecimento de referenciais positivos por jovens da rede pública de ensino. Aqui buscarei reflexões propostas presentes nas obras de Leda Maria Martins sobre as afrografias negras, passando pela oralitura, ultrapassando a noção de que registros de memória e de histórias precisam ser registrados unicamente por meio da escrita formal. Reflito sobre como artistas como Hugo Canuto (quadrinista), MC Tha (cantora), Nana Martins (Cantora maceioense) e outros/as tantos/as artistas contemporâneos grafam suas vivências em distintos campos artísticos e como levar tais elementos para o ambiente escolar pode promover o empoderamento de jovens. A partir da apreciação da arte, os/as estudantes conseguem se identificar com a obra não apenas pelo viés da experiência estética, mas também pela narrativa ancestral apresentada com elementos que fazem parte de seu repertório de leitura de mundo. Esta ferramenta pedagógica também é apresentada para os/as discentes do curso de licenciatura em teatro da UFAL como uma possibilidade de intervenção em sala de aula, sobretudo para colocar em prática as diretrizes das leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008.

Palavras-chave: Afrografias, Oralituras, Ensino de Arte, Cultura pop, Cultura afrobrasileira.

INTRODUÇÃO

Este artigo se trata de um compartilhamento de experiências vivenciadas em três contextos diferentes, mas realizadas em contexto escolar passando pela docência na Educação Básica, Técnica e Tecnológica (EBTT) e palestras voltadas para o ensino fundamental I e ensino médio. Todas as escolas aqui citadas ficam em Alagoas: uma na cidade de Santana do Ipanema (Sertão) e as outras duas em regiões periféricas de Maceió/AL.

¹ Professora do curso de Licenciatura em Teatro da UFAL. Doutora em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFBA, mestra em Artes Cênicas pelo PPGArC/UFRN e Especialista em Antropologia pelo ICS/UFAL. Pesquisadora nas Artes Cênicas, Estudos das Performances Culturais Afroameríndias e Preparação de Atores/atrizes. Mãe-Pequena do Terreiro de Umbanda Aldeia dos Orixás (Maceió/AL). Contato: daniela.beny.professora@gmail.com / daniela.moraes@ichca.ufal.br

Inicialmente preciso contextualizar meu atual lugar de fala, sou professora do curso de Licenciatura em Teatro, onde já assumi as disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado Orientado assim como a Coordenação de Estágio do curso. Atualmente ministro disciplinas relacionadas às práticas teatrais como Atuação para a Cena e Voz em Cena, mas como se trata de um curso de licenciatura, uma das minhas preocupações em sala de aula é a formação de professores/as de teatro que estejam minimamente aptos a abordar os temas exigidos pelas leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008.

Antes de ser docente do nível superior atuei como professora de Artes da Rede Estadual de Alagoas e tive duas passagens pelo formato EBTT no IFRN Campus Ceará-Mirim e no IFAL Campus Santana do Ipanema, onde, durante a pandemia, tive a oportunidade de me concentrar em temáticas afrocentradas para o desenvolvimento das minhas aulas.

Apresentado este breve “prólogo” é importante trazer aqui dois conceitos sobre os quais venho me debruçando desde as minhas pesquisas do Mestrado e do Doutorado e que, como pesquisadora, docente e afroreligiosa, venho incorporando às minhas práticas nestes diferentes lugares que ocupo. O primeiro conceito que trago é o de oralitura, onde a pesquisadora profa. dra. Leda Maria Martins (2020) aponta que

O significante oralitura, da forma como apresento, não nos remete invocadamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição verbal, mas significamente, ao que em sua performance indica a presença de um traço residual, estilístico, mnemônico, culturalmente constituinte, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade. Como um estilete, esse traço cinético inscreve saberes, valores, conceitos, visões de mundo e estilos. A oralitura é do âmbito da performance, sua âncora; uma grafia, uma linguagem, seja ela desenhada na letra performática da palavra ou nos vôlejos do corpo (MARTINS, 2020, p. 77)

E o segundo conceito que me é muito caro, o de afrografia também apresentado pela mesma autora no qual ela aponta o corpo de cada indivíduo negro na sua existência como sendo a própria performance, assim como a própria grafia (Martins, 2020), neste caso, afrografia – e essa grafia pode ser pensada numa perspectiva mais ampla, desde as danças em folguedos e festejos tradicionais, penteados e tranças, estamparia de roupas, confecção de adornos, modos de falar, saberes e fazeres culinários e mais tantas outras expressões.

Tomando estes dois conceitos, reconheço em minhas escolhas estéticas para o estudo da leitura de imagem realizada junto com os/as estudantes uma forma de (re)pensar estas afrografias e oralituras mesmo que na época ainda não sabia como nomear essas práticas expressivas incorporadas em corpos negros que foram observadas.

PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COM LEITURA DE IMAGENS: A EXPERIÊNCIA COM TURMAS EBTT

Em 2020/21 as aulas de Artes estavam concentradas no primeiro ano de cada um dos cursos EBTT – neste Campus os cursos eram de Técnico em Agropecuária e Técnico em Administração – como as aulas remotas exigiam o uso de materiais e plataformas digitais, além de aulas expositivas com slides optei por trabalhar com o compartilhamento de vídeos e conteúdo audiovisual no intuito de explorar a leitura de obras de arte podendo assim debater sobre as mais diversas linguagens artísticas a partir do uso de videocliques.

Um dos grandes desafios daquele contexto era manter nossos estudantes minimamente interessados no conteúdo abordado, assim sendo, busquei fazer uma curadoria que envolvesse alguns artistas que fizessem parte do repertório musical deles, embora eu particularmente não soubesse muito bem o que os interessava, comecei com a leitura do videoclipe de “Apushit” de Beyonce e Jay-Z, convém aqui salientar que o interesse não estava na letra da música, mas na visualidade do clipe.

“Apushit” foi filmado no Museu do Louvre e no decorrer do vídeo ele transita pelas suas principais galerias e elege as obras mais conhecidas para ocuparem maior tempo de tela, passando pela “A Coroação de Napoleão” (uma pintura de 1807 do pintor francês Jacques-Louis David) e até uma coreografia feita em sua maioria por dançarinas negras na escadaria que dá acesso à escultura da Vitória de Samotrácia, sendo inclusive duas das cenas que mais chamaram atenção dos estudantes quando eles foram perguntados sobre os pontos mais marcantes do vídeo. A cena em frente ao quadro foi citada pelos estudantes apontando que no quadro aparentemente não havia pessoas negras embora todas as dançarinas presentes neste take sejam negras e com vários tons de pele. A ausência percebida pelos/as estudantes que foi constatada quando analisamos a imagem da obra e prestando atenção em seus detalhes.

Já a da escadaria foi mencionado que as mulheres deitadas ao longo da escadaria pareciam corpos de pessoas mortas, gerando a partir daí um debate sobre racismo e a violência contra o corpo negro. Algumas das alunas, mesmo que não fosse o foco discutido também apontaram que poderia ser feita uma leitura da violência sofrida por mulheres no geral, culminando no feminicídio.

Em resposta aos apontamentos feitos pelos estudantes na leitura de “Apushit” numa outra aula trabalhei com um videoclipe mais antigo de um artista que nem todos eles conheciam, compartilhei o clipe da música “Remember the time” de Michael Jackson, novamente, aqui o

foco não era o entendimento da letra, mas a leitura das imagens. Este vídeo se passa ambientado no Egito Antigo, onde todos os personagens são interpretados por artistas negros o que gerou bastante curiosidade entre os estudantes que tinham em seu imaginário que deuses egípcios e faraós eram pessoas brancas. A partir daí fomos analisar imagens de artefatos egípcios, assim como esculturas e pinturas, o que fez alguns estudantes, principalmente as meninas, se reconhecerem nas imagens pelos penteados, maquiagens e adornos.

Embora tenhamos trabalhado com outros vídeos, estes foram os dois primeiros e foram os responsáveis por gerar uma curiosidade inicial entre os estudantes. O que me fez levar essas referências também para a disciplina que eu ministrava em formato remoto na graduação em Licenciatura em Teatro, onde eu atuava como professora voluntária.

OUTROS HERÓIS EM HQ: A EXPERIÊNCIA COM ENSINO FUNDAMENTAL I

Agora damos um salto no tempo para o ano de 2022, com o cotidiano escolar presencial reestabelecido pós-pandemia, a convite de um professor do ensino fundamental I da rede municipal de ensino situada na periferia de Maceió/AL – não citarei o nome do professor nem da escola porque o mesmo sofreu fortes represálias dos pais dos alunos após a atividade, embora ela tenha sido desenvolvida com total apoio da coordenação pedagógica e da direção da unidade de ensino - realizei uma atividade semelhante com estudantes do 4º ano utilizando as obras do artista visual baiano Hugo Canuto.

Em suas obras o artista transforma a visualidade dos Orixás do Candomblé em capas de quadrinhos no estilo dos heróis da Marvel dos anos 60 a 80. Não só pela estética, mas pelo apelo aos super-heróis que vem saturando o mercado cinematográfico nos últimos anos, optei pela triagem destas obras por se tratar de um público mais jovem e que, de forma direta ou indireta, possui familiaridade com personagens como Thor, Pantera Negra, X-Men e outros tantos que poderia citar aqui.

Para apresentar as capas dos HQ fictícios, projetei as imagens para as crianças cobrindo o nome do Orixá e junto com elas fomos desvendando os elementos que estavam presentes na imagem, a partir destes elementos, elas formam construindo suas narrativas sobre quem seria aquele “herói” representado, quais superpoderes ele teria, qual relação com as forças da natureza, como seus superpoderes se manifestam.

Embora toda experiência tenha sido bastante rica, gostaria de compartilhar uma situação em específico. Quando mostrei a capa da HQ de Ossaim, mesmo cobrindo o nome do Orixá,

algumas crianças que, aparentemente não tem familiaridade com as narrativas ancestrais das religiões afrobrasileiras conseguiram reconhecer na imagem elementos associados às características da entidade, respondendo que provavelmente este personagem seria um feiticeiro ou que teria alguma forma de habilidade de controlar as plantas ou os animais. Algumas crianças associaram com a figura do Saci-Pererê, uma outra no meio da conversa comentou que a mãe a levava numa benzedeira que tinha cabaças em casa como as que ele carrega na cintura.

A atividade infelizmente gerou uma repercussão negativa após sua realização, alguns pais questionaram a escola do motivo “de dizerem que esses demônios são heróis” – como dito em um áudio enviado por uma mãe para o professor que havia me convidado para esta ação – mas a conversa com as crianças, elas se mostraram bastante receptivas, inclusive quando revelei o nome desses “heróis”. Algumas chegaram até a comentar que um determinado Orixá era quem tomava conta dela, outros disseram que não era nada daquilo que os pais ou o pastor falava.

FESTIVAL DA PRIMAVERA: A EXPERIÊNCIA COM O ENSINO MÉDIO

Agora posso citar nomes e a escola com mais segurança. Em 2024 fui convidada pela profa. Esp. Karina May, docente de Artes da Escola Estadual Geraldo Melo – situada no Conjunto Graciliano Ramos, periferia de Maceió – para participar de uma palestra durante o Festival da Primavera para, junto com prof. Dr. Fabson Calixto, docente de Sociologia da escola, estabelecermos um diálogo entre questões raciais e educação.

Os/as estudantes foram reunidos/as no auditório da escola e começamos a levantar alguns questionamentos sobre o que é considerado beleza, sobre as influências musicais e culinárias dos povos africanos no dia a dia de cada um deles e fomos exercitando nossa escuta. Nesta escola tanto a gestão quanto alguns docentes buscam trabalhar efetivamente com as leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, o que facilitou mais nosso diálogo.

Depois de escutar o que estes/as estudantes tinham de referência, exibi dois videocliques, uma da cantora paulistana MC Tha e outro da cantora alagoana Nana Martins. Ambos os vídeos possuem uma relação direta tanto com a estética quanto com as narrativas ancestrais dos Orixás, o que fez com que esses/as jovens conseguissem reconhecer nas obras audiovisuais elementos apontados por eles/as. Da MC Tha optei por trazer o vídeo da música “Onda” que faz parte do seu álbum “Rito de Passá” que conta com outros cliques que fazem menção direta a outros Orixás e entidades. Neste vídeo a cantora traz a parceira com Jaloo e o guitarrista Felipe Cordeiro. Já na cena inicial, é possível ser feita a leitura de uma oferenda para os Orixás Oxum e Oxóssi.

Já a escolha do clipe “Oya Ê” da artista local Nana Martins foi feita por ser uma cantora que faz parte de um dos terreiros no entorno da escola e que possui uma certa visibilidade em Maceió, além disso o fio narrativo que se desenrola ao longo do videoclipe traz a trajetória da Ialorixá Neide Oyá d’Oxum – mãe carnal e espiritual da cantora – que é patrimônio vivo alagoano. Além disso, o vídeo também traz a representação dos Orixás presente nas coreografias, cores, adereços e pinturas corporais dos/as dançarinos/as.

Em ambos os clipes, por haver elementos com os quais estes/as estudantes estavam familiarizados, ocorreu a identificação daqueles/as estudantes que são frequentadores/as de casas de axé, comentando posteriormente à exibição dos vídeos o que eles/as identificaram de elementos presentes na sua religiosidade. Depois da palestra algumas pessoas me procuraram com curiosidade sobre temas mais específicos relacionados à espiritualidade, inclusive querendo indicação de casas de axé, porém optei por sugerir livros, perfis nas redes sociais e podcasts que pudessem ajudá-los/as a sanar suas inquietações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar estas experiências para compartilhar, observo que a informação é o único caminho no combate ao racismo, apresentar obras e vivências onde a juventude negra consiga se identificar e que se sinta segura e instigada a conhecer suas origens e matrizes culturais talvez seja a ferramenta mais eficaz de combate ao epistemicídio promovido por uma necropolítica que insiste em exterminar corpos negros. Como uma docente que está formando futuros/as professores/as considero fundamental compartilhar práticas experimentadas em sala de aula como apontamento de metodologias de trabalho viáveis principalmente nas escolas da rede pública de ensino.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as **diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências.** Disponível em: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 30.out.2025.
- CARTERS, The. **Apeshit**. Youtube: 16 de junho de 2018. 6:05 min. Disponível em: <https://youtu.be/kbMqWXnpXcA?si=xtbqetghn-KxVrBf>. Acesso em: 30.out.2025



JACKSON, Michael. **Remember the time.** Youtube, 3 de out. de 2009. 9:18 min. Disponível em: <https://youtu.be/LeiFF0gvqcc?si=X4hQeDcsTKm_qksk>. Acesso em: 30.out.2025

MARTINS, Leda Maria. Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória. In: **Revista Letras**, Santa Maria - v. 30, n. 60, p. 63 – 81, jan./jun. 2020.

MARTINS, Nana. **Oya Ê.** Youtube, 17 de julho de 2021. 5:20 min. Disponível em: <<https://youtu.be/vKCdC4692Lk?si=FX8I4An99Vo-CaGp>>. Acesso em: 30.out.2025

THA, MC. **Onda.** Youtube, 24 de novembro de 2020. 3:51 min. Disponível em: <https://youtu.be/sjtsxsFsaTg?si=MxOAcu_PhkEv6V_o>. Acesso em: 30.out.2025